



# ENIGMAS

Poesia

César dos Anjos

**Enigmas**  
**César dos Anjos**

*“Tudo o que vejo ou que suponho  
Não passa de um sonho dentro de um sonho?”*

Edgar Allan Poe

01

Assim

O amor é sempre triste  
se não for triste  
não é amor  
É alguma outra coisa

Alguma outra coisa  
que não é amor  
pode ser triste  
ou pode ser não-triste

Mas é sempre triste o amor

02

## Coisas

Todas as coisas não-pedras  
são outro caminho  
que não um caminho de pedras  
Esqueço-me destes caminhos  
em minha ausência de pedra

Entendam-me  
não sou pedra  
Sou menos duro  
em meus limites minerais

Quando interrogei as pedras  
no caminho ausente  
disseram-me de sua necessidade  
de serem pedras  
Apenas pedras no caminho

03

## Morrer

É o fim de todas as coisas  
que interessa às sombras  
Não há ser início  
se não se é meio  
para um fim

Todas as coisas se interpretam  
a si mesmas  
Todos os sons serão silêncio  
no crepúsculo  
nas pegadas banais  
apagadas pelas ondas  
de si mesmo

Esperança é palavra sem significado  
quando o tempo cai  
nas arestas da vida  
Carnes fracas abatidas  
corpos surdos na escuridão

Nas montanhas  
as árvores expressam sua piedade  
sua verdejante e alheia piedade  
às silhuetas de vapor  
que se esvaem  
com o calor da amargura

É tempo de morrer

04

Sal

A água e o sal cozinharam  
minha carne  
pele ressequida pela estrela-amarela  
Choques de calor no último janeiro  
queimaram minhas vibrações tátteis  
Olhos escondidos na luz  
Miragem  
Alucinação  
Desequilíbrio

LOUCURA

gosto marinho na praia azul  
Nas águas brancas  
de oceanos sem lágrimas  
Algás vivas  
morrendo na areia salgada  
aos pés de Netuno

Entre

Entre ser e morrer  
há apenas silêncio  
e algumas reticências...

...viver é mais absurdo que ir-se  
Quando imagina-se uma fruta  
arrancada de uma árvore  
tão sozinha e silenciosa  
em suas objeções  
Tão delicada a ponto de separar-se  
involuntariamente de sua mãe—vegetal  
Temos a certeza de que o efêmero  
o temporário — o passageiro —  
faz parte da morte  
Não é a Vida quem dita as regras

Renúncia é o centro gravitacional  
da passagem por este mundo  
imundo  
mundano  
irracionalizante  
Destoante modo de pensar  
se penso  
Este pensamento já morreu em si  
passou como um naufrago  
que jamais será encontrado

A vida são vozes ignoradas

preciso encontrar outra maneira  
de encontrar-me  
Perco-me sempre que  
busco meu reflexo no espelho  
na artilharia do próprio olhar  
inquisidor  
Na artimanha do gesto  
de mão buscando a lenha  
para a fogueira

Perder-me não é senão  
flutuar no tempo  
ventos febris apagando minhas pegadas  
Deserto engolindo oásis imaginários  
algumas tonturas choram  
outras buscam lágrimas alheias

Sonhos de vidas  
jamais existidas  
Sonhos abertos como um mapa  
de estradas esquecidas  
Sonhos de outras vidas  
metamorfozes  
zoonoses  
mitoses  
Cromossomos  
somos  
sonhos  
Sonhos — para quê?

Cálices recebem ouro  
e outros sentimentos menos valiosos  
recebem margens de rios  
Cores inalteradas de ideias  
cores ensimesmadas  
desfolhadas por nuvens cinzentas

Mãos de meninas jogando pétalas  
e beijos ao ar parado  
colorizado por mãos adultas  
Mãos masculinas  
traçando vórtices e códices  
costurando teias e teorias  
olhos envidraçados  
carregados de fumaça  
Mãos femininas brancas e nuas  
e negras e pálidas  
e sonhadoras  
e rosas e jasmins  
E vícios plásticos na retina  
retendo todas as emoções  
calando todas as sentimentalidades  
Todas as músicas das guitarras  
aguardadas como um trovão

Relâmpago–arauto

Sinto as primeiras gotas de chuva no Jardim  
Seu dedo toca-nos as faces ruborizadas  
Fomos expulsos mais uma vez

Evidência

A morte é um fato  
o corpo é a evidência  
às vezes é a ausência

Clara sedução de passarinho  
absorvendo a memória  
dos seres e das coisas inanimadas  
Vozes enigmáticas  
volições metálicas  
em nuvens metafísicas  
e palavras sem dor

Passaram-se muitas eras  
até que a menina-ave retornasse  
à casa de seus pais

E foi longa a comemoração

Tudo quanto vivo  
todas as palavras suicidas  
as ilusões de universo  
os melodramas de inundações aéreas  
os arregimentados de poder  
as ideologias psicossomáticas  
todas as teorias interplanetárias  
tudo quanto sofro  
e sinto  
e revivo

é para dizer somente quão fútil  
e indisciplinado fui  
em minhas elasticidades  
Minhas dimensões são de lava  
escorrendo pelos teus olhos em chama  
meus mistérios são angústia  
meus tempos verbais  
uma escala de interrupções

Minha taça é amarga  
como um beijo de doença  
que deteriora as sensações

A esta altura sofreste a tortura  
que é meu olhar de além-túmulo

Fugiram gestos e sinais de tua carne

agora os remanescentes da linguagem  
tomam chá em xícaras coloridas  
como a dança do arlequim  
ao redor das princesas e das prostitutas

gente astuta  
gente extática  
gente apócrifa  
Pessoas estacionadas ao luar passageiro  
pequenas leituras em leitos frios  
de rios em câmara lenta

Festas carnais e rituais selvagens  
de quimera em segundas núpcias  
Lilith enciumada pelos filhos do trovão  
baldes cheios de suor sagrado

Choraste trinta e duas vezes  
antes do leão rugir nas montanhas

Os planos divinos começam  
nas cordas do coração  
nas silenciosas conexões cerebrais  
Naquele instante as ondas emudeceram  
o ar parado reafirmou seu calor

os limites do horizonte alargarão  
suas forças magnetizadoras  
Zeus enciumado de suas amantes  
arrancou os olhos do demônio  
e os lançou aos chacais

Minhas bordas são menos ásperas  
e menos minhas as visões de mundo  
Quaisquer tolices guardadas na gaveta  
atordoam o silêncio do peito

Andando pelas ruas da capital  
vi muitas coisas mortas  
animais mortos  
edifícios mortos  
sonhos mortos  
ideologias mortas  
palavras mortas  
promessas mortas  
pessoas mortas vi  
andando pelas ruas da capital

Há nas borboletas algo de futurismo  
suas asas em movimento ilusório  
voltas pelo ar quase invisível  
o marrom e o preto e o amarelo  
indicam um não sei quê  
de seriedade tardia  
O azul e o branco e o cinza  
lemboram-me aquele dia que se perdeu  
— guardado na inconsciência —  
e que traz um sorriso bobo de infância

O vermelho e o laranja  
são coisas doidas paradas na estrada  
perdidas entre dois caminhos opostos  
entregues a lembranças obsoletas  
O verde e o lilás brigam entre si  
buscando em si mesmas  
sua personalidade inalterável

Há algo de novo no coqueiro imóvel  
nas cartas não enviadas  
nas perguntas não respondidas  
com medo de errar  
Há algo de antigo no frio serrano  
nas ilhas abandonadas  
pelas explosões nucleares  
nos dogmas sem obituário  
e nas curvas do deserto

Há vida bastante para qualquer suicida

Quando não sabemos  
se estamos vivos ou mortos  
o mundo fecha-se à imaginação  
Rodeados de fantasmas  
e palavras pungentes como o mercúrio  
e insetos voadores gigantes  
no sobe-e-desce de elevadores

espirais emitindo sons inaudíveis  
formas intocadas na lama  
Múltiplas estações sobre a colina  
de um segredo sussurrado às estrelas  
bactérias destruindo pulmões:  
São minhas dores correndo ao teu lado

Mulheres vaidosas como casca de maçã  
jantando em lugares esquecidos  
enquanto os soldados de chumbo  
corrompiam dezoito bailarinas russas  
na primeira manhã nublada  
de um filme de ficção científica

Algoritmo

o cachorro sozinho

na calçada

não é um cachorro

sozinho na calçada

é um animal volúvel

com sua idiossincrasia

Há borboletas demais

para morrermos apagados

elas sobrevoaram o tormento

dos porcos em setembro

e choraram rios de prata sem harmonia

onde peixes nauseabundos

navegam às costas de um tigre dormente

Entregaste tuas riquezas

aos últimos cérebros positrônicos

Amanhã já é um dia velho  
pois somos um todo

Cosmos em ebulação constante  
entre atmosferas díspares  
consagrando suas devoções  
às pseudociências trazidas do além  
radiestesia comparativa dos vikings  
regurgitando alçapões nucleares  
nas esquinas do Trópico de Capricórnio

Onde há visões  
a Terra paralisa suas dores e angústias  
em cima dos telhados  
barítonos mudos enjaulados  
e bailarinas chorando a própria lentidão  
corpos são canções em desequilíbrio  
aguardando a salvação dos versos  
à margem de um rio  
que corre para trás

Todas as músicas surgiram  
no fervor do Big Bang  
antes do Tempo

## Prisões

não fale de amor a um crustáceo  
podemos construir montanhas no mar

não conte histórias emotivas  
a uma hiena no cio  
podemos dançar ao redor de Baobás

não atropele um alce em setembro  
suas córneas servirão de jantar  
aos colonizadores indo-europeus

não aponte o dedo ao coração duma ave  
podemos arregimentar multidões  
de parasitas em estradas colaterais  
até que chegue Netuno e espete  
seu tridente em nossas algemas

nunca cante rotinas à tarde  
quando o farol iluminar os olhos  
do tigre adormecido ensolarado  
podemos desviar os furacões do Caribe

não fale de amor às rosas no Carnaval

cavernas de ursos pardos  
enchem-se de turistas no Cazaquistão

ao menos trinta dias separam  
suas palavras das palavras dos ursos  
rugidos são a forma de comemorar  
sua lentidão de pensamento

olhamos nos olhos vazios carnívoros  
e sentimos a corrupção de outras eras  
envenenar nossa bulímica sociedade  
em desespero e em degradação

paramos  
esperamos  
e foi tudo o que nos restou

## Passado

chorar é a primeira forma de sentir  
esqueça o dia em que nasceu  
esqueça os perfumes do colibri  
esqueça os sonhos sem cor  
esqueça a estátua da ponte  
esqueça a água suja dos rios  
esqueça as paredes descascadas  
esqueça o voo das nuvens de chuva  
esqueça as pegadas na praia  
esqueça o sorriso dos avós  
esqueça a primeira imagem na tevê  
esqueça a dor da traição  
esqueça a voz de Neil Armstrong  
esqueça os dias de sol no Agreste  
esqueça o suspense de Psicose  
esqueça as aulas de Matemática  
esqueça as quadrilhas juninas  
esqueça como é bom dormir  
esqueça as brincadeiras de criança  
esqueça as letras das canções  
esqueça o próprio nome  
esqueça a fome e a dor e a doença  
  
apenas esqueça o sentir  
lágrimas não valem o sal de suas veias

com uma mão fizeste o sol  
girar o tempo  
com a outra fizeste o mar  
nascer salgado

tudo se fortalece  
sob a imensidão do teu olhar infinito  
os tempos tornam-se poeira  
os gelos eternos viram vapor  
as vagas dos ventos  
são o sopro de teus lábios divinais

então a matéria desconhecida  
gira ao redor do berço de estrelas

Sonhaste com a perfeição de teus filhos  
  
um novo enigma  
em teu peito Criador

21

Páginas

chorando  
enquanto lia Watson

o ar puro  
e muitas  
recordações

sinto o amanhecer  
com tamanha profundidade  
que os meus olhos  
enchem-se de fumaça

para onde correu o amanhã  
das tuas dores de tigre?

lembre-se de cantar  
com a força de seus pulmões  
de vulcão  
paisagens são memórias  
e esquecimentos  
da natureza  
e suas sombras

o hino mais grave  
do vazio  
notas ásperas de cetim  
amarrando as colunas  
da Criação

Se eu ainda fosse humano

23

Vivo

Morrer.

Morrer?

Não sou de morrer

Sou a etapa contrária

Sou o entorpecimento

Sou a contradição

Sou o ressurgimento

Sou a coligação

Mas não sou de morrer

Não morro

Permaneço

Caíram  
folhas mortas  
da árvore  
da Vida?

Ou tudo  
é apenas  
um jogo  
de palavras?

sei que o imortal  
sobrevive às montanhas  
  
mas como escalar o Everest  
me daria a Eternidade?

farei conexões com as estrelas  
darei palestra aos asteróides  
instilarei a sabedoria  
na mente dos cometas

enquanto a dor  
permanecer  
junto às galáxias

27

Corredeiras

a tristeza dos rios  
é nunca permanecer

um estranho  
transformado em rei  
será sempre um sapo  
às princesas de novembro

29

Manhã

Somos a morte  
em estado líquido  
desejando a chuva  
na primeira aurora  
da humanidade

ventos gelados na pradaria

Fator indesejado

esqueceste teu futuro  
guardado em gavetas  
de não-lembranças

arriscando perder o alvo  
nas asas de fadas bestiais  
um vulcão tremeu  
suas dores inconstantes  
na garganta da madrugada

inóspita ressurreição  
invocada pelas vozes mudas  
no ar ferido pelo silêncio

és o verdadeiro senhor da ilha naufragada

31

## Hélices

cada percepção  
de si mesmo  
é um autoimplemento  
do próprio DNA

sinapses  
na velocidade  
de um pensamento

se há tristeza  
há um ser correndo  
com as batidas  
de seu coração

lágrimas vertidas  
pela criança  
em meu peito

somos carne  
e dessa carne insondável  
surge a ternura

aí reside o sentimento

Obstáculo

conquistas  
são enigmas  
revelados no sonho

múltiplas volições  
inquietando o espírito

acreditamos na forma  
rompemos as barreiras  
superamos as fronteiras  
do espaço e do tempo

chegamos aos limites  
do universo  
desarmados  
incompletos  
segmentados

justificados

e a breve melodia  
interrompeu  
o zunido  
de cada  
silêncio

fui  
e já não sou mais

é a beleza das palavras que  
emudece os espíritos sensíveis

é a beleza do silêncio que  
torna visíveis os sons inaudíveis

um viajante  
inclinou-se à beira do tempo  
delírio de um abismo trovejante  
entre cordas vocálicas  
e pesadelos na curva do Sol  
emissão de luzes metálicas  
no córtex pré-frontal

um viajante  
é um sentimento dos planetas  
e das luas congeladas pela distância  
e pela distinção silvícola  
homo sapiens quase evoluído  
assombrado por vozes de poeira  
verbos a 300 mil km por segundo

Shakespeare sonhou com um e-book

não sei dizer quem sou  
embora as evidências me assoberbem  
na penúltima vigília do meu cérebro  
imaginei trezentas torres de marfim  
destruindo minha eloquência

retórica de anônimos  
e de bruxos enfileirados  
na estação das orquídeas negras

ainda não digo quem sou  
mas o mundo dorme  
enquanto exalo versos de olhos amarelos

Recomeço

tua pureza não espanta  
tuas dores assintomáticas  
teu grito é uma fúria  
nos anais mitológicos

sentimos tua presença desde o princípio  
das luzes não-criadas  
correram cinco braços de rios  
nos jardins esquecidos

Observem a metamorfose das aranhas!

nomenclaturas são inépcias  
dirigidas aos mares lusíadas  
nos últimos segundos da Eternidade

Insônia

o vento trouxe  
no silêncio da tua ausência  
flores vivas  
e folhas mortas

pedras trançadas nos cabelos  
cores esquecidas no tempo

horas esverdeadas  
na angústia do teu pesadelo

o passado revivido  
em duas pétalas de dezembro

ontem sonharei com pardais e ametistas

sonhos são feitos de espuma  
e de coragem  
e lentidão

o amanhecer do espírito  
é o túmulo das trevas

sondei a casa de fumaça  
e mastiguei duas borboletas

elas eram duras como metal cristalizado

antecipei tuas volições  
um quarto de hora é o suficiente  
para morrer  
se morrer é o teu sabor

enxerguei tamanduás azuis  
dançando em bailes pantaneiros

eram quatro da manhã  
de uma segunda-feira cheia de dores

e cores amargas no crepúsculo

## Estação

melhor que a lua cheia  
é o teu olhar adocicado no verão

olhar preenchido de estrelas

algoritmo silencioso  
navegando em código Morse  
no carnaval pernambucano

As (últimas) Veias do Tempo

eu não te percebo  
até cair no jasmim  
é um som que amadurece no peito  
silencio teus cavalos  
com um beijo de outras portas  
assim levantaram o mercúrio  
nas ondas de madame Curie  
atravessada por setas envenenadas  
um tropel de fantasmas  
guiados por buldogues envelhecidos  
nas câmaras de tortura  
do primeiro governo de Faraó  
buscaram doze mulheres nos hieróglifos  
encaixotados na Virginia  
somente as manhãs esquecem o choro  
teu sono é um perfume de amianto  
tua palavra saboreia uma lágrima  
teu corpo encarnou uma multidão  
tua dúvida é a sombra de Akhenáton

não te percebo cair na escuridão do meu olhar  
onde o amor ainda é triste